

Um carregamento de abóbada na igreja quinhentista de Santo António (Aveiro, Portugal)

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). ricardo_silva78@hotmail.com

Ricardo Costeira da Silva*

Resumo Apresenta-se a coleção de cerâmica recuperada no carregamento da abóbada do coro alto da igreja de Santo António em Aveiro. As condições e contexto de achado permitem atribuir a este lote uma cronologia precisa (1524) associada à primeira fase de construção do edifício e a recolha de numerosos recipientes inteiros e com defeito de fabrico atesta a sua produção local. Além do repertório de cerâmica utilitária e da cerâmica do açúcar já sobejamente conhecido em Aveiro, destaca-se o grupo composto por várias anforetas (*olive jars*) que se encontravam praticamente omissas do registo arqueológico local e que agora se identificam, categoricamente, como produções originárias desta cidade. A dimensão e constituição do conjunto, a exactidão da sua atribuição cronológica e a determinação da sua produção local, substanciam a relevância do achado e justificam esta primeira exposição.

Abstract The paper presents the pottery collection recovered in the filling of the upper choir dome of Santo António's church in Aveiro. The conditions and context of finding allow to assign this lot to a precise chronology (1524) associated with the first phase of construction of the building and the exhumation of numerous entire and defective containers testifies to their local production. In addition to the repertoire of utilitarian ceramics and sugar pottery already well known in Aveiro, it highlights the group of several olive jars (*anforetas*) that were practically missing from the local archaeological record and which are now categorically identified as produced in this city. The size and constitution of the set, the accuracy of their chronological assignment and the determination of its local production, shows the relevance of the finding and justify this first exposure.

1. Introdução

O conjunto edificado composto pela Igreja de Santo António, Capela da Ordem Terceira de S. Francisco e respetivos anexos conventuais, corresponde a uma interessante mole arquitetónica situada na periferia meridional do centro histórico de Aveiro (Fig. 1).

O primitivo convento franciscano de Santo António, de que apenas subsiste a igreja e parte do claustro, foi fundado em 1524 (Gomes, 1875, p. 148; Gonçalves, 1959, p. 133). Desde então foi alvo de várias transformações e reestruturações que paulatinamente lhe foram alterando a traça original. Parte destas reformas terá sido motivada pela própria construção da capela de S. Francisco (em 1677) e Casa do Despacho (na década de 80 do século XVII) que se vão acoplar à primeira construção, justificando a denominação corrente de “Igrejas Geminadas” (Fig. 2). Classificado como Monumento Nacional, o imóvel apresentava evidentes problemas de conservação. Neste sentido, a Câmara Municipal de Aveiro, no âmbito de um projecto de regeneração urbana intitulado “Parque da Sustentabilidade”, procedeu (em 2012/2013) à reabilitação estrutural e à realização de ações de conservação e restauro da Igreja de Santo António e Capela de S. Francisco¹.

Dos trabalhos realizados, debruçamo-nos especificamente sobre aqueles que levaram à substituição do soalho do coro-alto da Igreja de Santo António e que despoletaram a recuperação de uma surpreendente coleção de cerâmica que colmatava o carregamento da abóbada reportável à construção fundacional (1524) do monumento.

A relevância deste tipo de achado e do estudo do material cerâmico empregue no preenchimento aligeirado de abóbodas tem sido mencionado noutras obras (Cf. Amores & Chisvert, 1993) e desse valor comunga igualmente o conjunto que se dá à estampa. O contexto privilegiado de deposição, selado e perfeitamente datado e o elevado número de recipientes intactos ou com perfil completo reveste estas coleções de grande interesse e singularidade. Assume-se, geralmente, que a cerâmica reutilizada nestes expedientes será de origem local/regional, não só pelos custos acrescidos que teria o transporte de material barato (cerâmica para utilizar na construção) a partir



de lugares mais distantes, mas sobretudo pela recorrência de peças com defeito de produção. Estes lotes, resultantes na sua maioria de descarte de fornadas mal conseguidas, testemunham de modo flagrante os fabricos e os repertórios da produção oleira local. Neste depósito figuram, assim, diferentes tipologias fixadas no estreito intervalo temporal da sua constituição. De facto, o elemento cronológico será um dos mais relevantes a constatar neste tipo de coleções uma vez que a documentação escrita fornece a datação exata da sua formação. Acresce ainda que, para o material defeituoso, lidamos com cronologias de produção e não de utilização com intervalos por vezes consideravelmente dilatados. Não obstante, integram também o conjunto recipientes já usados, essencialmente cerâmica de cozinha gasta e descartada após intensa serventia.

Em suma, o principal objetivo do presente texto será apresentar de forma genérica e ainda preliminar o contexto desta descoberta e o reportório artefactual exumado, relegando-se para outros estudos complementares (que se encontram em curso²) o desenvolvimento de diversas problemáticas transversais que derivam do estudo de alguns recipientes (anforetas).

2. Contexto e datação

O aligeiramento cerâmico na construção de abóbodas é uma técnica peculiar de origem remota, provavelmente romana, que se desenvolve na Época Medieval cristã (Bassegoda, 1978; Lister & Lister, 1981). Resulta óbvia a

Fig. 1 – Localização da Igreja de Santo António (Capela de S. Francisco e respetivos anexos conventuais) em Aveiro (sobre base do Google Maps).

¹O Acompanhamento Arqueológico desta obra ficou a cargo do Museu da Cidade de Aveiro a quem agradecemos (nas pessoas da Dra. Andreia Vale Lourenço e Dra. Gabriela Marques) a cedência da coleção cerâmica e respetivos registos da intervenção e todo o apoio concedido para o desenvolvimento deste estudo. Este programa de investigação desenvolve-se no âmbito de uma parceria estabelecida entre o Museu da Cidade de Aveiro e o CEAACP-Universidade de Coimbra.

²Nomeadamente a abordagem ao seu significado histórico-cultural e sua relação com as rotas comerciais que emanam de Portugal no início da Época Moderna. Encontra-se em desenvolvimento estudo dedicado à produção e distribuição das anforetas portuguesas, em colaboração com Tânia M. Casimiro e Sarah Newstead.



Fig. 2 – Vista geral da linha de fachada do complexo das “Igrejas Geminadas”.

Fig. 3 – Vista geral do coro alto da igreja de Santo António.

finalidade estrutural no aligeiramento do peso e densidade das coberturas garantindo-se, concomitantemente, a colmatação e nivelamento do extradorso das abóbodas permitindo o assentamento de pavimento de ladrilho ou soalho. O material empregue (recipientes de grande dimensão) e o seu modo de deposição (geralmente de bocal para baixo) consentem que se lhes advogue outras funções complementares. Os benefícios na prevenção de infiltrações e isolamento de humidade surgem citadas em textos históricos (Zaragoza, 2003, p. 133) e parecem reunir consenso. Pelo contrário, a melhoria do desempenho acústico, por vezes sugerida, não se encontra devidamente comprovada.

Este fenómeno tem forte repercussão nos edifícios religiosos de arquitetura gótica da faixa mediterrânea no século XIV (Bassegoda, 1989; Zaragoza, 2003, pp. 129–133). São numerosos os casos conhecidos em todo o Levante

Espanhol, estando particularmente estudados e divulgados vários exemplos na região da Catalunha (Bassegoda, 1978, 1989) e na área valenciana (Zaragoza, 2003, p. 132; Vidal & Feliu, 2009). O emprego de louça na construção dos templos tardo-medievais encontra-se de igual modo patente em Itália. Um dos casos mais mediáticos é o Convento del Carmine, em Siena, onde uma intervenção cuidada pôs a descoberto um conjunto de cerca de 400 peças proveniente do enchimento das suas abóbodas e de que fez eco a notável exposição que daí resultou (Francovich & Valenti, 2002).

Esta técnica construtiva acaba por se disseminar para além da orla do Mediterrâneo e prorrogar para além dos finais da Idade Média. A região de Sevilha surge destacada com o registo de várias evidências desta natureza (Amores & Chisvert, 1993; Pleguezuelo & alii, 1999; Jiménez, 2000). Os estudos ali conhecidos revelam a persistência desta prática desde o século XV ao século XVIII.

Em Portugal são conhecidos alguns exemplos do emprego do aligeiramento cerâmico de abóbodas. O caso mais célebre respeita ao convento de S. Domingos em Montemor-o-Novo construído a partir de 1561 (Ribeiro, 1984; Carpetudo & Lopes, 2014). Durante os trabalhos de restauro do edifício, na década de 70 do século XX, foi recuperado um notável conjunto de cerâmica quinhentista que Margarida Ribeiro (1984) deu à estampa num estudo que se mantém atual e tem servido de referência a quem se debruça sobre esta temática. São, de igual modo, frequentemente citados os exemplos do claustro do convento de S. Francisco em Évora (Teichner, 2003) e da abóbada da galilé da igreja de Santa Maria de Beja (Mestre, 1991) onde, em ambos os casos, se recolheu material cerâmico dos inícios do século XVI. Recentemente, foi noticiada³ a descoberta de material cerâmico (essencialmente cerâmica do açúcar) no carregamento da abóbada da capela do Espírito Santo da igreja matriz de Machico, também do século XVI. A esta restrita lista acrescenta-se agora a abóbada do coro-alto da Igreja de Santo António em Aveiro.

O convento de Santo António de Aveiro é fundado em 1524 pela ordem reformada de S. Francisco e foi alvo de inúmeras reformas e ampliações, nomeadamente em 1564 e 1653 (Gomes, 1875; Gonçalves, 1959;

³Reportagem televisiva em: https://www.rtp.pt/madeira/local/achado-arqueologico-em-machico_8889



Oudinot, 2009). Muito embora a igreja não tenha escapado a estas remodelações, aquelas terão tido maior impacto nas instalações conventuais, na sacristia (arrasada por incêndio em 1712 e totalmente reconstruída no ano seguinte) e claustro reconstruído em 1753. A traça original das humildes instalações quinhentistas da igreja de Santo António terá sido mantida no seu essencial, sendo no entanto de referir o redimensionamento da capela-mor durante a reforma de 1564 e a total reconstrução da fachada na 2.ª metade do século XVIII, obra que lhe concedeu a feição barroca que ainda hoje conserva. A igreja, de planta retangular longitudinal com nave única é rematada a poente pelo arco abatido e abóbada de suporte do coro-alto (Fig. 3).

Este prolonga-se para além da parede de entrada, sobre o átrio vestibular, correspondendo este sector (em laje sobrelevada) à

obra setecentista de alteração da fachada. Sublinhe-se, contudo, que os materiais em estudo são provenientes dos espaços laterais da abóbada nervurada original que sustenta o coro-alto e que havia sido amputada pela sua metade (Figs. 4 e 5).

Não restam dúvidas portanto de que estamos perante um contexto selado, apenas superfi-

Fig. 4 – Planta das “Igrejas Geminadas” com localização do coro-alto original da igreja de Santo António.

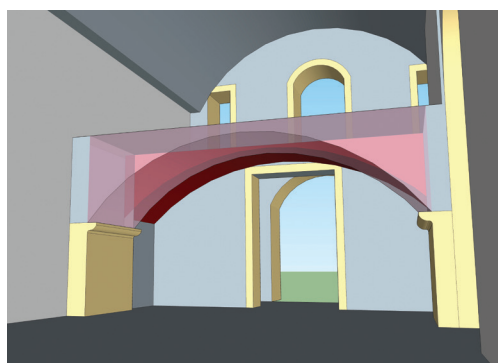


Fig. 5 – Representação esquemática da abóboda quinhentista com sinalização da proveniência do carregamento cerâmico (desenho de Sara Almeida).



Fig. 6 – Aspecto inicial do depósito (foto de Andreia Lourenço).

Fig. 7 – Carrego de abóbada (foto de Andreia Lourenço).



cialmente conturbado possivelmente por trabalhos de substituição do soalho. Constatou-se que algumas peças do topo foram remexidas ou mesmo fraturadas. Para além disso, eram visíveis alguns fragmentos de argamassa que poderá indicar que o depósito se encontrava originalmente coroadado com argamassa de cal (Fig. 6).

Após limpeza dos detritos superficiais verificou-se que os recipientes foram colocados de forma metódica e envolvidos por terra saibrosa muito fina e solta (Fig. 7).

Não obstante, o padrão de assentamento não obedece totalmente à regra que assistimos noutros exemplos semelhantes. Neste caso, apenas as peças abertas e de maior diâmetro foram colocadas inteiras e voltadas para baixo, tendo sido ainda aberto orifício no fundo. As peças fechadas e de menor dimensão foram arrumadas de forma a melhor preencher os espaços vazios deixados por aquelas. A grande maioria dos recipientes cerâmicos encontrava-se intacta ou partida *in situ*. Ape-

sar disso, deverá dar-se conta do índice de fragmentação significativo se tivermos em linha de conta outros contextos semelhantes. Referimos, nomeadamente, às formas de açúcar que surgem, por norma, fragmentadas. A presença de peças de menor dimensão a preencher os espaços mais estreitos ou pequenos vazios encontra-se documentada em circunstâncias similares. Dada a reduzida representação de recipientes de pequeno porte na coleção, poderá ter-se recorrido a este expediente (fraturação intencional das peças) para melhor colmatar os espaços ocios. Talvez assim se compreenda igualmente a existência de 36 fragmentos de telha de canudo entre o espólio recuperado.

3. A coleção cerâmica

A coleção cerâmica recuperada no preenchimento da abóbada do coro alto da igreja de Santo António encontra-se estimada em 90 peças e comporta um diversificado espectro formal de recipientes. Na contabilização do lote contemplou-se duas situações distintas. Para a cerâmica do açúcar e alguidares, devido ao superior índice de fragmentação, calculou-se o número mínimo de indivíduos (NMI), enquanto para o restante foi possível determinar o número preciso de peças.

Em termos de categorização funcional genérica, conclui-se que os recipientes de uso doméstico (41 peças) sobressaem relativamente à cerâmica do açúcar (23 NMI) e contentores de armazenamento e transporte de longo curso (25 anforetas e um cantil de grandes dimensões). No entanto, decompondo-se a cerâmica utilitária de uso doméstico em categorias morfo tipológicas, esta realidade altera-se, encabeçando as anforetas o grupo mais numeroso, seguindo-se as formas de açúcar e só depois o serviço de cozinha (Quadro 1).

A cerâmica doméstica comum é ainda composta por peças utilizadas na preparação de alimentos (alguidares) ou integradas no serviço de mesa, armazenamento de alimentos e transporte ou serviço de líquidos e higiene (bispote). A caracterização dos grupos tecnológicos e definição de fabricos esteia-se na análise macroscópica das pastas. Constata-se a predominância da louça de barro vermelho, torneada e não vidrada, com pastas compactas, medianamente duras e de aspeto

laminar, depuradas ou com a inclusão de elementos não plásticos (essencialmente quartzo, calcite e mica) de pequeno e médio calibre. A cozedura em ambiente oxidante é atestada pela tonalidade vermelha-alaranjada das pastas, embora se vislumbre a presença de manchas escuras na superfície exterior de algumas peças, fruto da alternância de temperatura durante esse processo. O grupo descrito contempla 86% (77 indivíduos) do universo total da amostra (Quadro 1), muito embora esta uniformidade da aparência das pastas seja temperada pela pluralidade de soluções ao nível do tratamento superficial. Com menor expressão numérica, a louça de pasta cinzenta, torneada e de superfícies foscas, encontra-se adstrita a um grupo específico de panelas e tachos de grande dimensão. A composição destas pastas é semelhante ao conjunto anterior, distinguindo-se apenas pelo ambiente de cozedura redutor que confere aos recipientes uma tonalidade negra/acinzentada e por uma maior adição de mica que reflete à superfície (Fig. 5). Refira-se ainda que, ao contrário da louça de barro vermelho, as peças de pasta cinzenta apresentam sinais evidentes de desgaste por uso intenso associado, ocasionalmente, a fuligem exterior, concreções e abrasão. Por contraste, deverá sublinhar-se que todas as anforetas e formas de açúcar analisadas apresentam algum tipo de defeito desenvolvido durante a cozedura, encontrando-se deformadas ou fissuradas, tratando-se, claramente, de peças de refugo, rejeitadas pelo circuito comercial.

O lote estudado ilustra formas e tipos sobejamente conhecidos para o período quinhentista em Aveiro, sendo semelhante a muito do espólio recolhido nos contextos subaquáticos da Ria (Alves & *alii*, 1998; Carvalho & Bettencourt, 2012; Coelho, 2012, entre outros) ou em intervenções preventivas na área do antigo bairro das olarias (Barbosa, Casimiro & Manaia, 2008; Morgado, Silva & Filipe, 2012; Silva, Filipe & Morgado, 2017, entre outros). Do mesmo modo, algumas formas de cerâmica de uso doméstico colhem paralelo em contextos portugueses contemporâneos, com especial destaque para Coimbra (Silva, 2015, pp. 174–291). A análise tipológica traçada estabelece base comparativa em

Fabrico	Categoria	Forma	Total/Forma	Total	
Cerâmica de pastas vermelhas	Uso doméstico	Cozinha	Panelas	5	28
			Mesa	Taças	
		Prato		1	
		Armazenamento e serviço	Cântaros	3	
			Atanores	2	
		Preparação de alimentos/higiene	Alguidares	10	
	Bispote		1		
		Cerâmica do açúcar	Formas de açúcar	23	23
		Armazenamento e transporte de longo curso	Cantil	1	26
			Anforetas	25	
Cerâmica de pastas cinzentas	Uso doméstico	Cozinha	Panelas de uma asa	3	13
			Panelas de duas asas	3	
			Tachos de duas asas	2	
			Tachos de quatro asas	5	
				90	

contextos locais, dispensando-se, no estado atual da investigação, a referência exaustiva a exemplos mais distantes.

3.1. Cerâmica de uso doméstico

3.1.1. Recipientes de cozinha

O trem de cozinha é composto exclusivamente por panelas e tachos de média/grande dimensão (18). No conjunto, predominam os recipientes em pastas negro-acinzentadas (13 exemplares) face às produções em barro vermelho (5 peças). O primeiro grupo é formado por quatro variantes tipológicas, tendo-se distinguido dois modelos de tachos e outros dois de panelas (Fig. 8)⁴.

Destaque-se os tachos de quatro asas a arrancar do bordo revirado (5 peças com diâmetro superior a 30 cm). Estes recipientes de fundo estreito têm variante de menor dimensão, de duas asas e bordo mais simples (dois indivíduos com 23 e 26 cm de diâmetro). A par destes surgem panelas altas com uma ou duas asas a partir do bordo. Como foi referido, todos os exemplares apresentam marcas de utilização (Fig. 9) apresentando, à exceção de duas peças, perfuração intencional do fundo. Não sendo a louça preta desconhecida em Aveiro (Carvalho & Bettencourt, 2012, p. 735), não se registam, porém, paralelos para as tipologias aqui identificadas.

As peças em barro vermelho correspondem a panelas de uma só asa a descarregar a meio do bojo (Fig. 6, n.º 4). Este

Quadro 1 – Contagem da cerâmica exumada no carregamento da abóbada do coro-alto da igreja de Santo António de Aveiro.

⁴Todos os desenhos de cerâmica apresentados são da autoria de Sara Almeida, a quem agradecemos.

Fig. 8 – Cerâmica de pastas cinzentas – tachos e panelas.

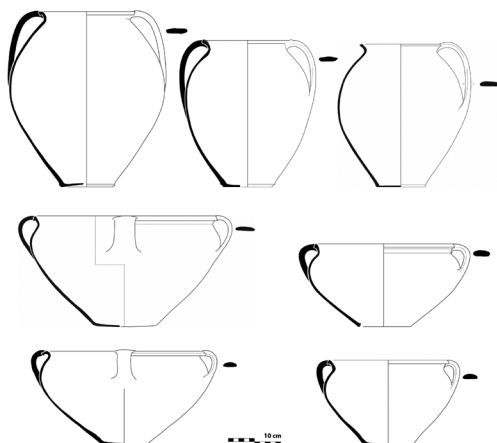
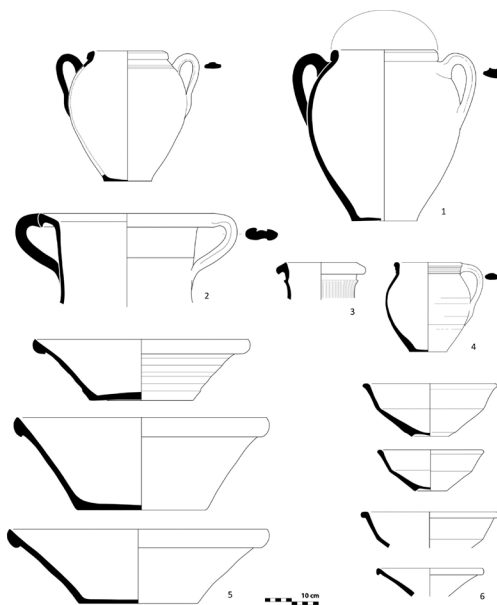


Fig. 9 – Cerâmicas de pastas cinzentas – tachos.



Fig. 10 – Cerâmicas de pastas vermelhas – serviços de uso doméstico.



modelo assemelha-se à forma 10B registada na Ria de Aveiro A - RAVA (Alves & alii, 1998, p. 195; Carvalho & Bettencourt, 2012, pp. 738–739, fig. 7).

3.1.2. Serviço de mesa

O repertório associado ao serviço de mesa e destinado ao consumo de sólidos e semissólidos não é particularmente numeroso — seis taças e um prato (Fig. 10, n.º 6).

Embora enquadráveis na louça de barro vermelho, distinguem-se pelo polimento (ou brunido) interno relacionado com a impermeabilização dos recipientes. Do ponto de vista tipológico não se vislumbra qualquer novidade face aos modelos já conhecidos para Aveiro. A variante mais comum (5 exemplares) corresponde às taças ou tigelas hemisféricas com carena e pé baixo que equivale à forma 1B/1C1 da RAVA (Alves & alii, 1998, p. 191, fig. 10a, 10b e 11; Carvalho & Bettencourt, 2012, pp. 736–737, fig. 5) e forma 2 da Ria de Aveiro B-C – RAVB-C (Coelho, 2012, fig. 4). Outro exemplar, mais aberto e com bordo extrovertido, aproxima-se da forma 1C2 da RAVA (Alves & alii, 1998, p. 191, fig. 12; Carvalho & Bettencourt, 2012, pp. 736–737, fig. 5) e forma 3 da RAVB-C (Coelho, 2012, fig. 4). Já o prato de lábio descaído apresenta iguais afinidades, nomeadamente com a forma 2 da RAVA (Alves & alii, 1998, p. 193, fig. 13; Carvalho & Bettencourt, 2012, pp. 736–737, fig. 5) e com a forma 5 da RAVB-C (Coelho, 2012, fig. 4).

3.1.3. Armazenamento, transporte e serviço de líquidos e/ou sólidos

Neste grupo distinguem-se contentores para líquidos (cântaros) e recipientes para armazenamento de sólidos (potes ou atanores).

Nenhum dos três cântaros inventariados permitiu reconstituição integral. Ainda assim é possível descortinar, ao nível do colo e bordo, afinidade à forma 12A da RAVA (Alves & alii, 1998, p. 191, fig. 8; Carvalho & Bettencourt, 2012, pp. 739–741 e fig. 9). Com bordo ligeiramente pendente e canelura a meio do colo, apresentam a típica decoração brunida de traços verticais ou oblíquos no exterior (Fig. 6, n.º 3). Uma das peças conjuga ainda banda de círculos estampilhados sobre o ombro e decoração penteada serpenteante sobre a pança.

Por sua vez, os dois potes ou atanores de superfícies foscas e dupla asa (Fig. 6, n.º 1) aproximam-se da forma 11 da RAVA (Alves & alii, 1998, p. 195; Carvalho & Bettencourt, 2012, pp. 740–741, fig. 9). Um dos exemplares apresenta-se muito deformado e sem sinais de utilização.

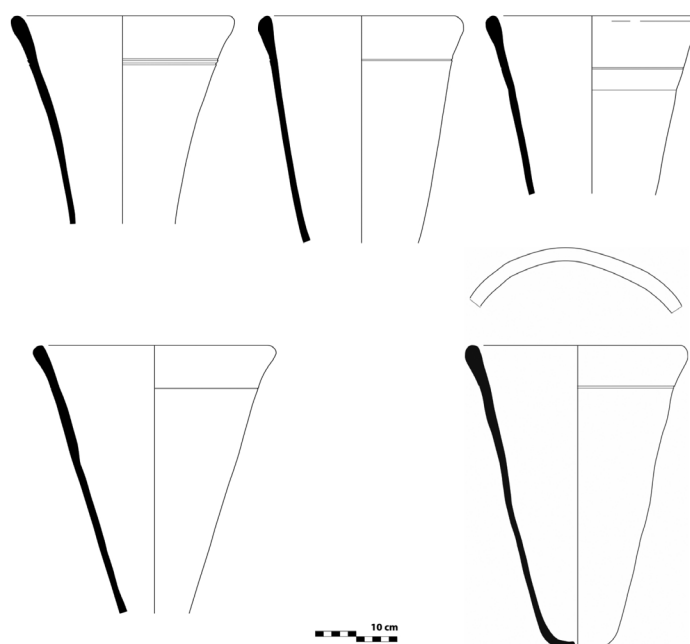
3.1.4. Preparação de alimentos/higiene

Os alguidares ou grandes bacias, de utilização polivalente, encontram-se bem representados na coleção, associando-se a pastas de barro vermelho e evidenciando polimento na superfície interna. De formato subtroncocónico invertido, são tendencialmente baixos (11 a 18 cm de altura e 40 a 50 cm de diâmetro), com lábio amendoado no exterior (Fig. 6, n.º 5). Distinguem-se de outros exemplares aveirenses, nomeadamente a forma 5 da RAVA (Alves & *alii*, 1998, p. 191, fig. 8; Carvalho & Bettencourt, 2012, p. 739, fig. 7) que ostentam bordos em aba descaída.

Refira-se ainda a recolha de um servidor ou vaso de noite troncocónico (Fig. 6, n.º 2) semelhante à forma 17 de RAVA (Alves & *alii*, 1998, p. 199 e fig. 31; Carvalho & Bettencourt, 2012, p. 742) e forma 12 de RAVB-C (Coelho, 2012, p. 759, fig. 4).

3.2. Formas de açúcar

As formas de açúcar assumem um papel de destaque em termos quantitativos (23 NMI) no universo exumado, replicando o que se tem verificado nas recentes intervenções realizadas na envolvente do antigo Bairro das Orlarias localizado na zona meridional da cidade, onde, no século XVI, se implantou o convento de Santo António. Não existe sondagem, vala aberta no subsolo ou simples revolvimento de terra neste espaço onde não surjam fragmentos de formas de açúcar em quantidade bastante superior a qualquer outro tipo de louça. A cidade de Aveiro surge recorrentemente associada ao ciclo da produção açucareira como centro produtor deste tipo de recipientes, embora nunca se tenha detetado uma evidência física direta (forno) da produção deste tipo de peças. A identificação de vários exemplares de formas de açúcar num local onde historicamente não é conhecida nem a cultura da cana do açúcar nem a sua produção, o recorrente reaproveitamento de peças deformadas nas paredes do casario daquela urbe (Morgado, 2009), a sua presença nas cargas dos navios de época moderna identificados na laguna de Aveiro compostas na sua totalidade por peças de produção local (Bettencourt & Carvalho, 2008, p. 272), a frequência da sua



ocorrência em detrimento de outro tipo de recipientes cerâmicos e o seu aparecimento em contextos arqueológicos de descarte e datados do século XVI (Morgado, Silva & Filipe, 2012) são geralmente considerados como provas materiais da sua origem local e regional e que é atestada por documentação histórica (Cabrera, 1987, pp. 8–11; Sousa, 2011, p. 215). Nos últimos anos tem-se procedido ao registo sistemático das formas de açúcar exumadas no território de Aveiro quer em contexto subaquático (Alves & *alii*, 1998, pp. 200–202; Coelho, 2012, pp. 761–762) quer em contexto terrestre (Morgado, 2009; Morgado, Silva & Filipe, 2012; Silva, Filipe & Morgado, 2017; Silva & Morgado, no prelo).

O lote em estudo pouco de novo acrescenta a esses inventários. Do ponto de vista tecnológico, as pastas são compactas, de textura arenosa, de cor clara tendencialmente alaranjada, pouco depuradas, com abundantes elementos não plásticos, mal distribuídos, de pequeno e médio calibre — onde facilmente se distinguem grãos rolados de quartzo leitoso, mica e pequenas partículas ferruginosas de cor escura. A cozedura é predominantemente oxidante, verificando-se com frequência a existência de núcleo redutor na zona do bordo, onde a espessura da parede é mais significativa. As superfícies são sempre foscas, devendo realçar-se a presença muito comum de uma fina película de engobe de cor castanho acinzentado nalguns recipientes. Todas as peças

Fig. 11 – Formas de açúcar.

apresentam graves defeitos de fabrico ocorridos durante o processo de cozedura. Apesar da deformação evidente, os exemplares recuperados revelam elevada homogeneidade morfológica. Os perfis registados integram-se nas tipologias já definidas nos estudos atrás enunciados. Trata-se de formas com modelos simples de bordo e lábio boleado (diâmetro entre os 250 e 310 mm) por vezes com canelura ou pequeno ressalto na demarcação do bordo (Fig. 11).

3.3. Contentores de armazenamento, conservação e transporte

Reservámos para o final um grupo específico de contentores destinado ao armazenamento e transporte de longa distância composto por um cantil e 25 anforetas. Todas as anforetas foram objeto de descarte, exibindo sinais evidentes de deformação (Fig. 12).

Seguindo a mesma linha de raciocínio que até aqui nos orientou, poderá afirmar-se, com segurança, que terão sido produzidas localmente. Porém, no imediato, estas peças distinguem-se das demais (tais como as formas de açúcar) por, ao contrário do que seria de esperar, se encontrarem praticamente ausentes dos lotes conhecidos de Aveiro. Paralelamente, como veremos, exemplares idênticos têm sido recolhidos em grande quantidade um pouco por toda a área de expansão ultramarina com especial incidência na Terra Nova (Canadá) e Inglaterra. Tem-se fundamentado este fenómeno através da sua massiva exportação. Ou seja, estes recipientes seriam produzidos especificamente para o transporte marítimo e para abastecer outros mercados internacionais, sendo então mais comuns nos sítios de destino. No entanto, não deixa de ser inusitado, que ao contrário destes, as formas de açúcar predestinadas de igual modo ao espaço ultramarino, sejam o tipo mais recorrente em Aveiro (quer em contextos terrestres quer em contexto subaquático). De todo o modo, à parte desta questão, para a qual não teremos ainda resposta satisfatória, deverá realçar-se que pela primeira vez se apresentam evidências categóricas da produção de anforetas em Portugal e especificamente em Aveiro, tal como tem vindo a ser sugerido por diversos autores (Cf. Newstead, 2012, p. 751) mas nunca devidamente confirmado.

3.3.1. Anforetas

As anforetas são recipientes típicos do período de expansão ibérica e comumente designadas por *olive jars* pelos autores anglo-saxónicos (Goggin, 1960; Marken, 1994, pp. 41–137). Trata-se de um contentor comum, essencial no transporte e conservação de diversos produtos, alimentares e não só, a bordo dos navios nas viagens ultramarinas. A sua função primária era o transporte de azeite, azeitonas em salmoura, vinho, mel e outros alimentos como as alcaparras, ervilhas, feijões, grão-de-bico, amêndoas (Goggin, 1960, p. 6; Martin, 1979, p. 282), sendo igualmente importantes como refrigeradores de água. Nos últimos anos, tem-se alimentado o debate sobre o facto deste tipo de recipientes poder ter tido cargas alternativas ou usos secundários⁵ ou de determinada tipologia ou atributo particular (como o vidro) poder ser indicador do seu conteúdo. Afastando-nos desta discussão e independentemente do seu conteúdo, importa aqui sublinhar a sua vinculação às viagens marítimas sendo regularmente encontrados em naufrágios ou contextos portuários. O seu formato favorável à acomodação no porão dos navios, aliado aos baixos custos da sua produção, contribui para que seja uma alternativa válida e preferível a outro tipo de recipientes no que toca ao transporte marítimo de longo curso. Durante muito tempo, arqueólogos e especialistas em cerâmica consideraram as *olive jars* definidas por J. Goggin (1960) como uma produção típica dos séculos XVI a XVIII e exclusiva do sul de Espanha (*botijas*) apesar das frequentes referências escritas encontradas nos livros portuários portugueses dos séculos XVII e XVIII (Barbosa, Casimiro & Manaia, 2008, p. 125) e embora Ulysses de Mello (1977, p. 37) apontasse já em 1977 que pudessem ter também origem portuguesa. As produções nacionais encontram-se assim ausentes das principais bases tipológicas de referência de anforetas (Goggin, 1960; Marken, 1994, entre outros), sendo pouco úteis para os investigadores que se debruçam sobre as redes comerciais portuguesas e sítios de destino dessas cargas. Para além do Atlântico Norte, estes contentores podem ser encontrados um pouco por toda a área colonial portuguesa, nomeadamente em locais da África Ocidental que estavam na rota comercial de Portugal para o Oriente, podendo

⁵Refira-se, a título de exemplo, o provável transporte de breu e pólvora ou de balas de mosquete em chumbo como os exemplares recuperados nos destroços do galeão Sacramento (Bahia, 1668). Tal como se verifica para as Formas de Açúcar em Aveiro (Morgado, Silva & Filipe, 2012), deverão ter sido reutilizados (depois de descartados) como material de construção (Goggin, 1960).

mesmo ter alcançado o Japão (Kawaguchi, 2011). Surpreendentemente, os próprios estão alegadamente ausentes nos sítios arqueológicos da metrópole. Muito embora se registre o seu aparecimento em Portugal, especialmente em cidades costeiras ou em descobertas subaquáticas (Cf. a título de exemplo: Gomes, 1993; Silva & Guinote, 1998; Calado, Pimenta & Regala, 2000; Loureiro & Martinho, 2007), encontram-se associados às produções andaluzes, não existindo, até ao momento, evidências claras da sua produção em território nacional. A coleção de 25 anforetas que agora se dá à estampa, procedentes de contexto arqueológico seguro, contribui decisivamente para a correta distinção entre objetos portugueses e espanhóis, uma vez que a sua produção em Aveiro não levanta, neste momento, quaisquer dúvidas. As anforetas de Aveiro distinguem-se facilmente das produções oriundas das oficinas do sul de Espanha que, por norma, apresentam pastas claras (beges) e porosas (Marken, 1994, pp. 41–137; Deagan, 1987, pp. 25–35). De um modo geral e enquanto não dispomos de análises químicas e petrográficas, o seu fabrico diferencia-se pela pasta de tonalidade alaranjada, fina e depurada ocorrendo, porém, a inclusão rara de partículas de quartzo opaco que pode atingir a média/grande dimensão. É ainda visível a presença de mica, feldspato e pequenas partículas ferruginosas. As superfícies não foram vidradas. Um dos aspetos mais característicos é mesmo o tratamento superficial exterior distintivo pelo revestimento de aguada branca (Fig. 8). Este escorrido de branco leitoso não é uniforme e não cobre a totalidade da peça. Como foi referido, todas as peças apresentam defeito de produção sob a forma de fissuras, depressões ou rombos na parte mais larga do bojo e assimetrias consideráveis do perfil. Do ponto de vista morfológico, estes recipientes de perfil ovoide exibem fundo convexo, bordo estreito e triangular e caneluras no ombro e na demarcação da base (Fig. 13). Apresentam uma altura que oscila entre os 28 e 33 cm e não evidenciam variações tipológicas significativas, sendo que o bordo alterna do ligeiramente introvertido a vertical.

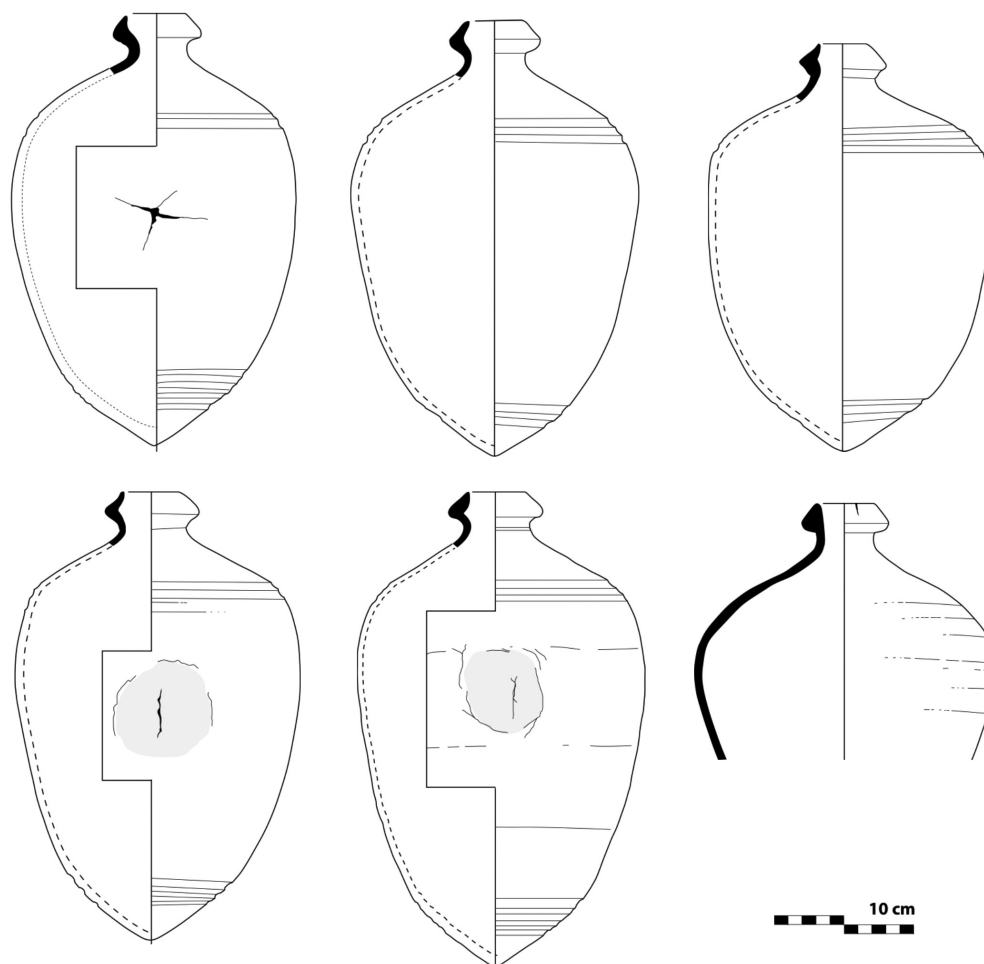
Até este momento a identificação de anforetas na região de Aveiro era absolutamente residual, estando somente três peças contabilizadas. Destas, apenas um exemplar de



Fig. 12 – Anforetas.

boca estreita e em pasta de barro vermelho identificado no sítio RAVB-C (Coelho, 2012, p. 763, fig. 7.29; Bettencourt, Carvalho & Coelho, 2014, p. 108, fig. 9) se assemelha aos recipientes expostos. Os restantes, um proveniente do mesmo local (Alves & alii, 1998, p. 200 e fig. 33; Coelho, 2012, p. 763, fig. 7.30) e outro oriundo de uma escavação realizada na zona meridional da cidade (Barbosa, Casimiro & Mancaia, 2008, pp. 125–126 e fig. 10), de perfis globulares e pastas claras e porosas, aproximam-se dos modelos atribuídos às oficinas andaluzes. Esta ausência, já reportada, no sítio de produção é contrastada pela elevada taxa de incidência conferida nos locais de destino. Neste particular, a Terra Nova surge destacada como região onde se identifica a mais elevada percentagem de anforetas de presumível origem aveirense. Como exemplo mais ilustrativo aponta-se o caso de Ferryland, na península de Avalon, onde na estimativa de Sarah Newstead (2012, p. 752) perfazem cerca de 30% do total da coleção de cerâmica portuguesa encontrada. Deve-se, aliás, a esta investigadora o conclusivo reconhecimento de que estas peças

Fig. 13 – Anforetas.



em louça vermelha seriam provenientes de Aveiro (Newstead, 2008). Até então, os vários investigadores que na Terra Nova se deparavam com este tipo de contentor procuravam estabelecer, sem sucesso, paralelos com as tipologias pré-definidas e que apenas contemplavam as produções espanholas. Veja-se, a título de exemplo, o caso das anforetas recolhidas em *Fermeuse Harbour* (Carter, 1982), cujos tipos G a I, com afinidades claras com produções de Aveiro, são forçadamente integrados na tipologia de J. Goggin. De igual modo, no naufrágio do navio *Elizabeth and Mary*, que afundou em L'Anse-aux-Bouleaux, junto à baía Trinity, na região norte do Quebec (Canadá), em 1690 (AAVV, 2005, p. 42), os vários fragmentos de “amphores méditerranéennes en poterie commune ibérique rouge orangée micacée” são incluídos no grupo *Merida wares* embora as semelhanças formais e de fabrico (visível até pela presença da típica aguada branca⁶ na face externa) apontem claramente para estas produções de Aveiro.

A presença assídua de anforetas de Aveiro não se limitará à Terra Nova. Para além de Inglaterra (Newstead, 2014, p. 83), estamos certos que estarão presentes noutras regiões do continente europeu e em toda a vasta área ultramarina. A escassez de referências que o demonstrem é justificada, até certo ponto e tal como os exemplos supracitados indicam, pelo desconhecimento e ausência de evidências diretas ao fabrico destes recipientes naquela cidade. Esta situação pode ser corrigida, inaugurando-se uma nova linha de investigação com a definição de um fabrico e tipologia confirmadamente oriunda de Aveiro. Deverá dar-se início ao recenseamento das ocorrências que despontam por todo mundo atlântico e transatlântico, retificando-se anteriores classificações, a fim de se estabelecer um quadro mais aproximado da real distribuição destes produtos que, em última análise, se constituem como elemento determinante na definição da extensão dos contactos e das redes comerciais portuguesas em Época Moderna.

⁶Cf. em <http://www.cca.gov.qc.ca/phips/phips9v.htm>

3.3.2. Cantil

O único cantil identificado encontra-se incompleto, sem o bocal que se adivinha estreito e alongado à imagem de outros exemplares conhecidos (Gutiérrez, 2007, p. 70, n.ºs 1 e 2; Newstead, 2012, p. 751, fig. 4). Subsistem duas asas sobre o ombro e parte do corpo globular (com aparência de barril) com duas grandes pegas em forma de botão (Fig. 14). Foi modelado em pasta de barro vermelho, depurada e compacta, encontrando-se a face exterior decorada por traços brunidos.

Tal como as anforetas, a sua presença nos contextos aveirenses é residual, embora com uma taxa de incidência superior àquelas. Na área meridional da cidade, regista-se um exemplar proveniente de estratos datados de finais do século XV / inícios do século XVI (Barbosa, Casimiro & Manaia, 2008, pp. 123, 126, fig. 7) e outros fragmentos de níveis mais tardios e fixados na transição do século XVI para o século XVII (Silva, Filipe & Morgado, 2017). Constatámos a sua presença em coleções particulares de objetos exumados na laguna de Aveiro e de outros lotes ainda não estudados ou publicados como é caso do espólio proveniente da intervenção realizada no Mosteiro de Jesus / Museu de Aveiro.

Por oposição, assiste-se novamente a uma amostragem muito superior nos contextos ingleses em torno do Atlântico Norte, onde são vulgarmente apelidados de *costrels*. São conhecidos vários exemplares na Terra Nova (Newstead, 2014, pp. 80–81) e em Inglaterra, nomeadamente nos portos de Plymouth (Gaskell-Brown, 1979) e Southampton (Gutiérrez, 2007).

4. Considerações finais

No imediato, o conjunto cerâmico exumado no enchimento do carregamento da abóbada do coro-alto da igreja de Santo António em Aveiro revela o seu interesse pela singularidade das peças que proporcionou. As condições de jazida são fixadas a um indicador cronológico preciso, sendo possível integrá-las no primeiro quartel do século XVI. Para além dos objetos que estavam em uso neste período, põe em evidência um grupo de formas que, pelas deformações que ostentam, dão testemunho do seu fabrico local em momento próximo da sua

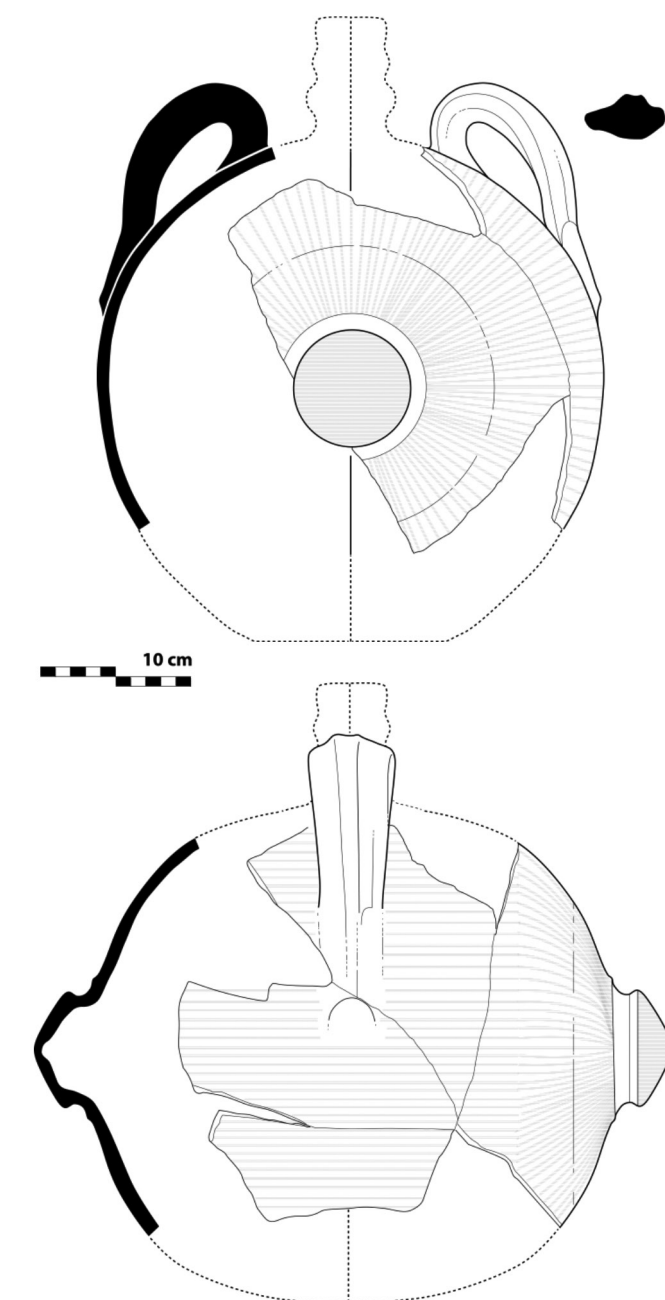


Fig. 14 – Cantil.

deposição (1524). Além da cerâmica de uso doméstico e das formas de açúcar cuja produção se encontrava já aqui atestada, demonstra-se agora que as olarias aveirenses se dedicavam igualmente no início do século XVI à manufatura de contentores de armazenamento e transporte de longo curso — anforetas.

Nos últimos anos, com o decorrer da investigação, têm sido identificadas produções originárias de Aveiro em locais bastante distintos e que atestam a sua difusão e integração nos fluxos comerciais atlânticos e transatlânticos durante

a Época Moderna. Um dos testemunhos mais elucidativos relaciona-se com a exportação de formas de açúcar para os locais de cultivo de cana açucareira. Aveiro terá sido, a partir do século XVI, muito provavelmente, o principal produtor e abastecedor daquele tipo de recipientes nos locais de produção de açúcar do reino como Madeira, Açores, Cabo Verde ou Brasil (Cf. Morgado, Silva & Filipe, 2012; Silva & Morgado, no prelo) e teve forte impacto noutros mercados como as Canárias (Cabrera, 1987, pp. 8–11). Para além do circuito açucareiro, assiste-se a uma distribuição geográfica mais vasta destas cerâmicas e que comprovam uma relação comercial privilegiada com outras latitudes, para onde derivam outro tipo de peças. Uma quantidade significativa de cerâmica de Aveiro tem sido encontrada no Atlântico Norte, nomeadamente em Inglaterra e na Terra Nova. O comércio ou transação dessas cerâmicas integra-se numa rede complexa de mercadorias e redes comerciais que emanam de Portugal no início da época Moderna. Na Terra Nova surgem em vários contextos relacionados com ocupações sazonais de pescadores de origem europeia. Numa primeira fase, poderão estar mesmo relacionados com o estabelecimento desde 1506 (Varela, 2001) de uma colónia portuguesa onde se desenvolveu importante atividade de pesca do bacalhau. Numa fase posterior, a partir de meados do

século XVI, surgem em contextos associados a ocupações inglesas devido a um conjunto intrincado de fatores que impulsionaram a aquisição consistente de bens portugueses pelos ingleses (Cf. Newstead, 2012, 2013, 2014; Casimiro, 2013; Pope, 2012; Bettencourt & Carvalho, 2007–2008). Para além do vasto conjunto de cerâmica de uso doméstico (taças/tigelas, alguidares, cântaros, entre outros), destacamos as anforetas por terem uma taxa de incidência superior nestes locais de destino do que no seu centro produtor, agora definitivamente atestado — Aveiro. Esta confirmação sobressai como um dos dados mais relevantes facultados pela análise desta coleção, pois, nas discussões atuais, as anforetas são um dos principais elementos sinalizadores para a definição da extensão das redes comerciais coloniais. Consideração decorrente da frequência do seu achado em vários naufrágios e cidades costeiras e portuárias, mas também pela variedade de produtos, de origens diversas, que contencorizam. Deste ponto de vista e no âmbito da análise espacial da distribuição geográfica destas vasilhas, os novos dados expostos constituem um decisivo contributo para a melhor compreensão das rotas comerciais marítimas (tradicionalmente estudadas com base em documentação escrita), favorecendo o entendimento da complexa “construção” do mundo ultramarino nos inícios da Época Moderna.

Bibliografia citada:

AAVV (2005) – *1690 The siege of Québec: the story of a sunken ship*. Point-à-Callière: Montreal Museum of History and Archaeology.

ALVES, Francisco J. S.; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV *Ria de Aveiro A* e da zona *Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, pp. 185–210.

AMORES CARREDANO, Fernando; CHISVERT JIMÉNEZ, Nieves (1993) – Tipología de la cerâmica común Bajomedieval y Moderna sevillana (ss. XV–XVIII): I, La loza quebrada de relleno de bóvedas. *Spal*. 2, pp. 269–325.

BARBOSA, Teresa; CASIMIRO, Tânia; MANAIA, Rodolfo (2008) – A late 15th century household pottery group from Aveiro (Portugal). *Medieval Ceramics*. 30, pp. 119–138.

BASSEGODA NOVELL, Juan (1978) – *La cerâmica popular en la arquitectura gótica*. Barcelona: Ediciones Thor.

BASSEGODA NOVELL, Juan (1989) – La construcción de bóvedas góticas catalanas. *Bolletí de la Societat Arqueològica Lul·liana*. 45, pp. 133–145.

BETTENCOURT, José; CARVALHO, Patrícia (2007–2008) – A carga do navio *Ria de Aveiro A* (Ílhavo, Portugal): uma aproximação preliminar ao seu significado histórico-cultural. *Cuadernos de Estudios Borjanos*. 50–51, pp. 257–287.

BETTENCOURT, José; CARVALHO, Patrícia; COELHO, Inês (2014) – Os navios, as cerâmicas e o porto.

- A arqueologia da laguna de Aveiro medieval e moderna nas rotas europeias e atlânticas. In CARVALHO, António; FERNANDES, Maria Amélia, eds. – *O tempo resgatado ao mar*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 105–110.
- CALADO, Manuel; PIMENTA, João; REGALA, Frederico (2000) – *Olive jars* encontradas no Tejo. *Al-Madan*. 9, pp. 206–207.
- CARPETUDO, Carlos; LOPES, Gonçalo (2014) – *Cerâmica quinhentista do Mosteiro de Sto. António de Lisboa, em Montemor-o-Novo: uma nova abordagem*. Projeto Morbase: Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo. Em linha: <http://www.montemorbase.com/wp-content/themes/morbase/artigo%20gamn.pdf>
- CARTER, John (1982) – Spanish olive jars from Fermeuse Harbour, Newfoundland. *Revue de la Culture Matérielle*. 16, pp. 99–108.
- CARVALHO, Patrícia; BETTENCOURT, José (2012) – De Aveiro para as Margens do Atlântico – a carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na época Moderna. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 2, pp. 733–746.
- CASIMIRO, Tânia M. (2013) – From Portugal to Newfoundland in the 17th century: supplying a European colony or provisioning a fishery?. In POPE, Peter; LEWIS-SIMPSON, Shannon, eds. – *Exploring Atlantic transitions: archaeologies of transience and permanence in New Found lands*. Woodstock: Boydell & Brewer, pp. 224–232.
- COELHO, Inês P. (2012) – Muito mais do que lixo: a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 2, pp. 757–770.
- DEAGAN, Kathleen (1987) – *Artifacts of the Spanish colonies of Florida and the Caribbean 1500–1800*. Washington, DC/London: Smithsonian Institution Press.
- FRANCOVICH, Ricardo; VALENTI, Marco (2002) – *C'era una volta, la ceramica medievale nel convento del Carmine*. Siena: Università.
- GASKELL BROWN, Cynthia (1979) – *Plymouth excavations, Castle Street: the pottery*. Plymouth: City Museum and Art Gallery.
- GOGGIN, John M. (1960) – The Spanish olive jar: an introductory study. *Papers in Caribbean Anthropology*. 62, pp. 3–40.
- GOMES, João A. Marques (1875) – *Memórias de Aveiro*. Aveiro: Tip. Commercial.
- GOMES, Mário Varela (1993) – *Ânfora encontrada em Vilamoura*. *Al-Ulyã*. 2, pp. 49–60.
- GONÇALVES, António Nogueira (1959) – *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Aveiro – zona Sul*, vol. 6, Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes, pp. 133–138.
- JIMÉNEZ SANCHO, Álvaro (2000) – Rellenos cerámicos en las bóvedas de la Catedral de Sevilla. In *Actas del Tercer Congreso Nacional de Historia de la Construcción*. Sevilla: Instituto Juan de Herrera; CEHOPU; Universidad de Sevilla, pp. 561–567.
- KAWAGUCHI, Yohei (2011) – The newly found olive jars in Japan and their historical significance. *Sokendai Review of Cultural and Social Studies*. 7, pp. 123–132.
- LISTER, Florence; LISTER, Robert (1981) – The recycled pots and potsherds of Spain. *Historical Archaeology*. 15:1, pp. 66–78.
- LOBO CABRERA, Manuel (1987) – El comercio entre Portugal y Canarias en el quinientos: estudio aproximado. *Revista de História Económica e Social*. 19, pp. 1–16.
- LOUREIRO, Vanessa; MARTINHO, Carla (2007) – As anforetas do Cabo Sardão. *Arqueólogo Português*. Série IV, 25, pp. 373–408.
- MARKEN, Mitchell W. (1994) – *Pottery from Spanish shipwrecks, 1500–1800*. Gainesville, FL: University Press of Florida.
- MARTIN, Colin J.M. (1979) – Spanish armada pottery. *International Journal of Nautical Archaeology*. 8, pp. 279–302.
- MELLO, Ulysses P. de (1977) – O galeão Sacramento (1668): um naufrágio do século XVII e os resultados de uma pesquisa de arqueologia submarina na Bahia (Brasil). *Navigator*. 13, pp. 7–40.
- MESTRE, Joaquim Figueira (1991) – Olaria medieval de Beja: contribuição para o seu estudo. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 565–574.
- MORGADO, Paulo (2009) – A cerâmica do açúcar em Aveiro na Época Moderna. *Patrimónios*. 2:7, pp. 117–142.
- MORGADO, Paulo; SILVA, Ricardo C.; FILIPE, Sónia (2012) – A cerâmica do açúcar de Aveiro: recentes achados

- na área do antigo bairro das olarias. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 771–782.
- NEWSTEAD, Sarah (2008) – *Merida no more: Portuguese redware in Newfoundland*. MA Thesis, Department of Archaeology, Memorial University of Newfoundland.
- NEWSTEAD, Sarah (2012) – Portuguese coarseware in Newfoundland, Canada. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 747–756.
- NEWSTEAD, Sarah (2013) – Merida no more: Portuguese Redware in Newfoundland. In POPE, Peter; LEWIS-SIMPSON, Shannon, eds. – *Exploring Atlantic transitions: archaeologies of transience and permanence in new found lands*. Woodstock: Boydell & Brewer, pp. 140–151.
- NEWSTEAD, Sarah (2014) – Cod, salt and wine: tracing Portuguese pottery in the English north Atlantic world. *North Atlantic Archaeology*. 3, pp. 75–92.
- OUDINOT, José Reinaldo Rangel de Quadros (2009) – *Aveiro: apontamentos históricos*. Aveiro: Câmara Municipal.
- PLEGUEZUELO, Alfonso; LIBRERO, Antonio; ESPINOSA, María; MORA, Pedro (1999) – “Loza Quebrada” procedente de la Capilla del colegio-Universidad de Santa María de Jesús (Sevilla). *Spal*. 8, pp. 263–292.
- POPE, Peter E. (2012) – Portugal and Terra Nova: ceramic perspectives on the early-modern atlantic. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 783–788.
- RIBEIRO, Margarida (1984) – *Olaria de uso doméstico na arquitectura conventual do século XVI*. Évora: Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo.
- SILVA, Ricardo C. (2015) – *O Museu Nacional de Machado de Castro: um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de castelo Branco*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- SILVA, Ricardo C.; FILIPE, Sónia; MORGADO, Paulo (2017) – Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal). In *Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1577–1591.
- SILVA, Ricardo C.; MORGADO, Paulo (no prelo) – As formas de açúcar de Aveiro (Portugal): estado actual da investigação. *Revista AMC – Arqueologia Moderna e Contemporânea*. 2.
- SILVA, Rodrigo B.; GUINOTE, Paulo (1998) – *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para a Comissão dos Descobrimentos Portugueses.
- SOUSA, Élvio (2011) – *Ilhas de arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV–XVIII)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- TEICHNER, Felix (2003) – Dois conjuntos de cerâmicas quinhentistas, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco, em Évora (Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 501–520.
- VARELA, Consuelo (2001) – O controlo das rotas do bacalhau nos séculos XV e XVI. *Oceanos*. 45, pp. 22–30.
- VIDAL LORENZO, Cristina; FELIU BELTRÁN, Núria (2009) – Aportaciones al estudio de la cerámica medieval valenciana. El proyecto de investigación arqueológica en las cubiertas de San Martín Obispo y San Antonio Abad de Valencia. *Saitabi*. 59, pp. 231–252.
- ZARAGOZÁ CATALÁN, Arturo (2003) – Arquitecturas del gótico mediterráneo. In MIRA GONZÁLEZ, Eduard; ZARAGOZÁ CATALÁN, Arturo, eds. – *Una arquitectura gótica mediterránea*. Valencia: Generalitat Valenciana, vol. I, pp. 105–192.